

Economia.

Aeroportômetro



dias para a conclusão da obra

 EDITORA:
 JOYCE MERIGUETTI
 jmeriguetti@redgazeta.com.br
 Tel.: 3321.8327

EXCLUÍDOS DO DESENVOLVIMENTO

RIQUEZA E POBREZA LADO A LADO NA GRANDE VITÓRIA

Região mais rica do Estado concentra boa parte dos pobres

 // PATRIK CAMPOREZ
 pmacao@redgazeta.com.br

Iluminação pública, não tem. Ônibus, não passa. Água, não chega. Pavimentação? Rede de esgoto? Escola? Posto de Saúde? Nada, não tem nada. Estamos em Alzira Ramos, a menos de 20 minutos da Prefeitura de Cariacica, uma entre as dezenas de “ilhas de pobreza” espalhadas pelo Espírito Santo.

Hoje, 1.494.673 de capixabas estão inscritos Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), que serve como instrumento de identificação e caracterização socioeconômica das famílias brasileiras de baixa renda. Um total de 70,6% dessa população, mais de 1 milhão de pessoas, se enquadram como pobres ou extremamente pobres, segundo relatório do perfil da pobreza no Estado divulgado pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN).

A Grande Vitória, disparadamente a microrregião mais rica do Espírito Santo, com mais da metade do Produto Interno Bruto do Estado, também é a que concentra grande parte do contingente de pobres e extremamente pobres do Estado. Em Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana são 511.604 em situação de vulnerabilidade, ou seja, vivem com uma renda média de meio salário mínimo (R\$ 394,00). Desses, 360 mil são considerados pobres ou extremamente pobres.

Em termos absolutos, é na Serra que se encontra a maioria da população vulnerável do Espírito Santo: 147.672. Proporcionalmente, na Grande Vitória, Viana e Cariacica, com 38%



Dona Seli precisa caminhar 500 metros todos os dias para ter o que beber

e 37% de suas populações, respectivamente, lideram o ranking. Por ser a região mais rica, proporcionalmente os números da Grande Vitória são melhores que os de outras ilhas de pobreza do Estado. A questão é que, por também reunir grande parte da população capixaba, 1,7 milhão, os números da Grande Vitória merecem muita atenção.

Para a pesquisadora e professora da Ufes, Marta

Zorzal, Cariacica deve ser pensado como um caso atípico na Grande Vitória. “As demandas do coletivo historicamente foram negadas. Tem carência de infraestrutura e políticas públicas sociais, mas não tem investimento. Falta um prefeito forte para renegociar o pacto da divisão de riquezas com Vitória”.

Nessas “ilhas de pobreza” o nível de qualificação profissional é mínimo e as

oportunidades de trabalho são escassas. Boa parte das famílias vive em casas improvisadas, sem acesso aos serviços mais básicos, como água tratada e energia elétrica. Em municípios como Ponto Belo, por exemplo, onde a principal fonte de emprego está na prefeitura, 83% da população encontra-se em situação de vulnerabilidade social.

Apesar do PIB capixaba ter dado um salto de 215%

FOTOS: MARCELO PREST



Rosana e Cleber tiveram de furar um poço em casa

FALTA TUDO

“Faz 15 anos que faço o mesmo trajeto para buscar água limpa para beber e cozinhar. Nesse período, entraram e saíram muitos políticos na prefeitura, mas nada muda. Falta de tudo, de calçamento a transporte escolar”

SELI PENA FERREIRA,
 TEM 63 ANOS e mora em Alzira Ramos, em Cariacica

na última década, pelo menos 10 mil famílias ainda moram em casas inadequadas ou condenadas, feitas de taipa, madeira aproveitada, palha ou outro material. Outras 160 mil famílias não contam com esgotamento sanitário adequado e 46 mil residências não têm água canalizada, como no caso de Dona Seli Pena Ferreira, de 63 anos.

Há 15 anos, a moradora de Alzira Ramos acorda ce-

do todos os dias e caminha cerca de um quilômetro a passos lentos para chegar até à única fonte de água limpa que atende as famílias do bairro. “Já perdi a fé, meu filho”, desabafa ela numa referência aos governantes.

A poucas quadras dali, já em Chácara Paraíso, Rosana Muniz Alves, de 24, passa pelos mesmos problemas. Grávida de quatro meses, a desempregada precisa da ajuda do sobrinho, de 15, para retirar água de um reservatório próximo de casa. A família vive com o baixo salário do marido, que faz “bicos” como ajudante de pedreiro. “Esse mês consegui fazer uma compra de R\$ 300, mas às vezes o dinheiro não dá”. Rosana, que estudou apenas até a segunda série do ensino fundamental, diz que a infraestrutura do bairro parece ser do século passado. “Não temos nem o básico.”

Quanto às demandas de Alzira Ramos, a Secretária Municipal de Infraestrutura (Seminfra) afirma que possui um projeto de drenagem e pavimentação para a Ave-

EXCLUÍDOS DO DESENVOLVIMENTO



Esse mês consegui fazer uma compra de R\$ 300, mas às vezes o dinheiro não dá. Não temos o básico”

— ROSANA ALVES Moradora de Cariacica

nida Virgínia Malini Ramos (a principal do bairro), orçada em R\$ 725,7 mil. A obra, porém, aguarda liberação de convênio com o Governo do Estado para sair.

“Outras ruas receberão aplicação de 'revsol', um produto utilizado na pavimentação alternativa e que tem durabilidade de até três anos. Essas vias entrarão no cronograma da Seminfra em 2016”, prometeu a prefeitura. A administração municipal disse ainda que o bairro será contemplado dentro de um “grande” projeto de extensão da rede elétrica, que atualmente encontra-se em fase de licitação.

MELHORA

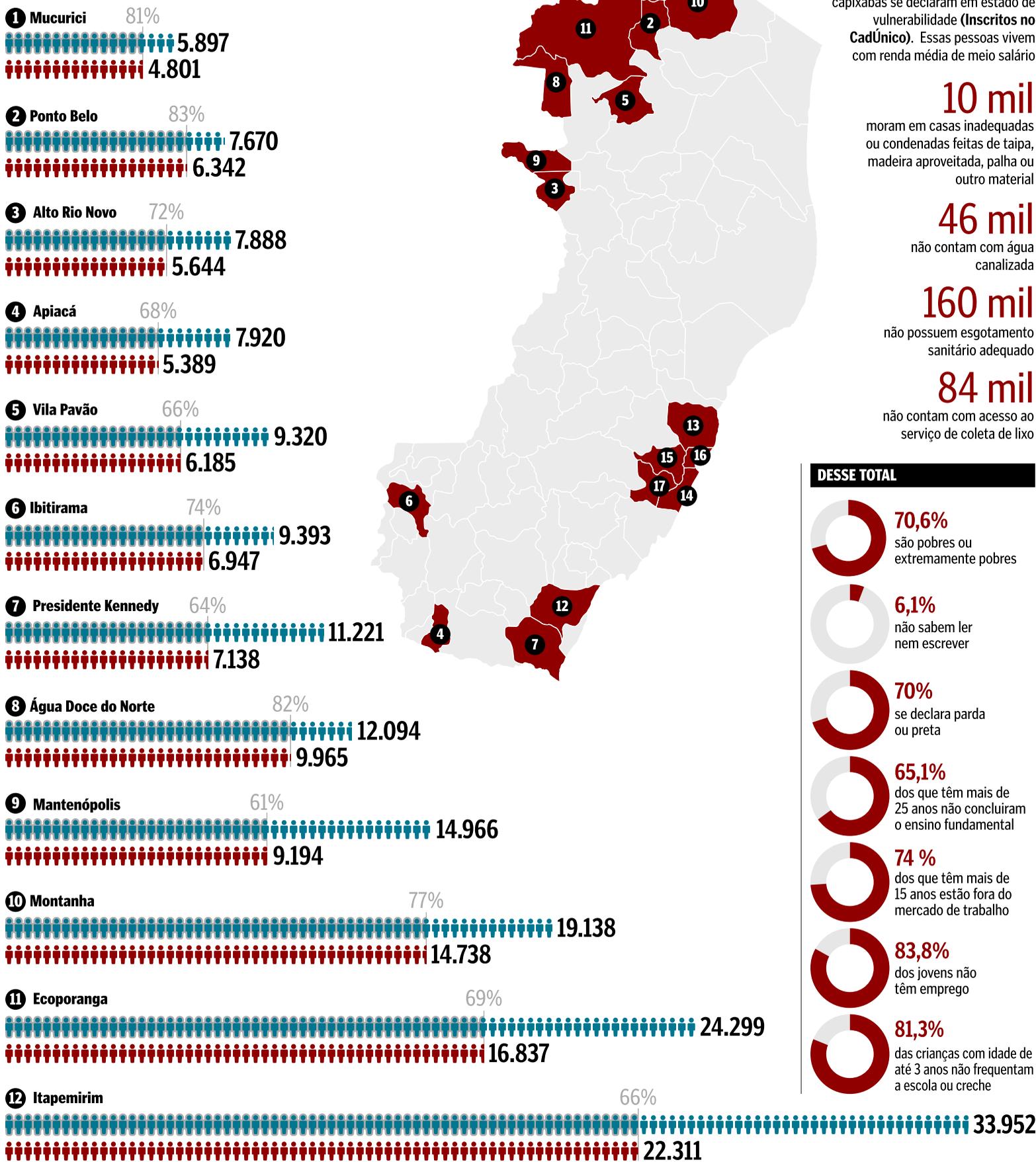
A diretora-presidente do Instituto Jones dos Santos Neves, Andrezza Rosalém Vieira, destaca que o Espírito Santo vem melhorando sua renda domiciliar per capita, com aumento de 8,1% no rendimento das famílias somente de 2013 para 2014. “Tivemos um aumento principalmente da renda dos mais pobres”, diz.

Apesar do resultado, o Estado é o 12º com maior desigualdade social no país, com coeficiente de Gini de 0,487 (quanto mais perto de zero, menos desigual), segundo os dados da última Pnad.

A desigualdade entre as rendas dos trabalhadores urbano e rural, entretanto, continua alta. Enquanto na cidade o salário médio ficou em R\$ 1,117, em 2014, no meio rural esse valor era de R\$ 682.

Andrezza diz que essa diferença é comum. “O custo de vida no campo é menor. No espírito santo tem uma característica de agricultura familiar, que produz para o próprio consumo. Mas, no geral, a renda no campo também tem melhorado mais do que na cidade”

A POBREZA EM NÚMEROS



SITUAÇÃO DA GRANDE VITÓRIA

